

DUAS MEGACRISES E A MESMA ORIGEM: liberalismo americano

por Samuel Costa Filho*

O liberalismo anglo-saxão tem total responsabilidade na produção da crise atual. Essa abordagem econômica dos competentes membros do “mainstream” sempre ignorou elementos fundamentais que guiam o comportamento e funcionamento do sistema capitalista. Suas análises, de um cientificismo vulgar e apologéticas, atêm-se à realidade aparente e não tratando da essência do funcionamento deste sistema. Aspectos históricos são relegados e substituídos por uma abordagem matemática e econometria rasteira.

Desse modo, não é surpresa que na realidade contemporânea as políticas econômicas neoliberais ignorassem a natureza da realidade do funcionamento do capitalismo liberal, rentista, consumista, egoísta, característicos do final do século XX, que estava apresentando as mesmas características históricas que provocam crises periódicas nesse sistema, como a que resultou na megacrise de 1929.

Existiam diversas semelhanças entre o período que antecedeu 1929 e o período que levou à megacrise atual. A semelhança, no que diz respeito ao impacto da crise, é percebida pelo economista Berry Eichengreen, em seu artigo “Raízes da nossa Depressão” (2009), que afirma:

O paralelo entre 1930 e 2009 é assustador. O colapso dos preços de ativos em Wall Street desde outubro de 2007 segue quase o percurso da crise de 1929. A desaceleração da produção industrial desde abril de 2008 se compara à de agosto de 1929, e as exportações globais tiveram recuo ainda mais rápido desde abril de 2008.

Os principais divulgadores do neoliberalismo esqueceram as consequências do período liberal no início do século XX, que provocou a megacrise de 1929. As recomendações dos modelitos matemáticos do “mainstream” ignoraram a realidade do capitalismo na nova fase ultraliberal rentista, esquecendo que:

- entre 1870 e 1914, ocorreu o domínio da filosofia utilitarista de “laissez-faire”, que apresentava o argumento e o critério econômico como os únicos valores a balizar o comportamento humano. Foi o

período denominado de *Belle Époque* do Liberalismo;

- Os Estados Unidos da América (EUA) emergiram do Pós-Primeira Guerra como a maior potência capitalista e, ao mesmo tempo, passaram a exercer um crescente controle sobre os mercados da América Latina e Ásia;

- Durante os anos de 1920, comandado pelos ultraconservadores do Partido Republicano e alicerçado nos princípios liberais, o governo americano se absteve de intervir na economia, acreditando nas regras da mão invisível de mercado como garantia de prosperidade e de crescimento econômico;

- Essa política econômica liberal favoreceu os interesses dos grandes financistas, das grandes empresas e dos industriais, transformando a Bolsa de Valores de Nova York em um cassino - e essa bolsa subia constantemente;

- Os EUA, iniciaram uma época de prosperidade econômica com um *boom* da economia, invertendo sua histórica posição de devedor mundial para credor, iniciando sua era de hegemonia entre os países capitalistas;

- Essa fase de prosperidade possibilitou a classe média norte-americana criar um estilo de vida que passou a ser exportado como exemplo de moderna civilização ocidental. Os valores de estilo de vida norte-americano, o *american way life*, passou a ser difundido para os outros países, juntamente com a ideia de permanente prosperidade nos países capitalistas;

- Essa ideia de prosperidade passou a ser fundamental para sustentação da economia e sociedade americana. A indústria do entretenimento de Hollywood - via sistema de mistificação e produção de ídolos e mitos para consumo mundial - passou a disseminar e difundir um conjunto de valores, conceitos, visões de mundo e de comportamento associados a aspectos alegres da vida norte-americana, difundindo a crença no *american way life*;

- Todavia, em 1929, irrompeu, nos EUA, uma

megacrise que se propagou para os países desenvolvidos e os da periferia do mundo capitalista, levando ao fim da política econômica liberal e justificando as práticas de intervenções estatais na atividade econômica;

- Foi o período da grande depressão dos anos 1930. A política liberal do capitalismo, do tipo “laissez-faire”, deixou como herança a ampliação das desigualdades de renda e riqueza na sociedade capitalista, elevou o desemprego e dificultou ainda mais o acesso ao trabalho pelos assalariados; causando, ainda, enormes danos à qualidade de vida da maioria da população;

- A crise de 1929 levou a consequências políticas calamitosas, como, a invasão japonesa da Manchúria e a eleição de Adolfo Hitler, na Alemanha, e a de Mussolini, na Itália. De 1914 a 1944 (portanto, durante trinta anos), o capitalismo viveu em meio a crises e guerras, fascismo, nazismo e totalitarismo.

Os anos finais do século XX até os dias atuais revelam um caminho que guarda diversas semelhanças com o período que redundou na crise liberal de 1929. Acontece que os principais ideólogos do neoliberalismo repetiram elementos históricos da “Época dos Dinossauros”, da *Belle Époque* liberal:

- Nessa fase, ocorreu o ressurgimento do liberalismo individual, mais radical e doutrinário que a escola neoclássica anterior; e passou a predominar uma defesa de um capitalismo também mais liberal e mais individualista do que o realizado anteriormente;

- Esse liberalismo, sob o domínio e hegemonia das forças ligadas aos interesses financeiros, justificava os interesses do rentismo, em detrimento da produção e da geração de empregos, sugando a renda de todos os demais segmentos da economia e da sociedade capitalista;

- Novamente, os critérios econômicos passaram à condição de mais elevados e únicos a guiar e conduzir a vida econômica, social e política da sociedade;

- Batizado de neoliberalismo, representou um retorno da ideologia liberal-conservadora. Representou também um estímulo individualista darwinista e imoral da classe capitalista contra a classe trabalhadora, contra o Estado do Bem-Estar Social e contra as práticas democráticas. Essa

ideologia não se importou com o interesse público e com o bem comum, adotando uma atitude que estimulou cada indivíduo a defender apenas seus próprios interesses. O Estado deveria tudo liberalizar, pois, os interesses da coletividade deveriam ser garantidos pelo mercado e pela lei;

- Os EUA, com o fim da Guerra Fria, ressurgem com um império cada vez mais forte, o único império. É o início do período da “Pax Americana”, ou seja, do período de instalação do império norte-americano como poder supremo, em nível mundial;

- Os EUA parecem iniciar uma nova época de prosperidade econômica, com a difusão e desenvolvimento da Nova Economia, via aceleração de novas tecnologias, da informática, da biotecnologia e de novos materiais;

- E, não coincidentemente, apresentam-se, os EUA, sob o comando dos neoconservadores, dirigentes ultra-ultraconservadores do Partido Republicano;

- Neste contexto, a globalização aparece representando a vitória do capitalismo anglo-saxão e a supremacia da ordem liberal; é impulsionada, com maior intensidade, a universalizar os valores da democracia e da ordem econômica americana, baseada na economia de mercado;

- Acontece uma nova rodada de universalização da cultura, da ideologia vencedora impregnada na cultura americana, do modelo norte-americano, do capitalismo americano, que são apresentados como o último estágio do desenvolvimento das sociedades humanas. Seus valores, sua cultura e de seu estilo de vida voltam a ser exportados como exemplo da modernidade e da supremacia da civilização ocidental;

- Processa-se a “norte-americanização” da cultura das classes dominantes dos países ao redor do mundo, com a retomada do processo de aburguesamento quase completo do planeta, a partir da derrota da União Soviética e da integração da China ao bloco de países capitalistas;

- Assiste-se, ainda, à imposição do credo neoliberal na política de globalização da economia, via Trindade Profana (FMI, BIRD, OMC) - conforme expressão cunhada por Ha-Joon Chang, em seu livro “Maus samaritanos” (2009), que exige desregulamentação, privatização e abertura do comércio e ao investimento internacional de qualquer país que desejasse receber ajuda ou

recurso internacional;

- Também, no novo discurso da ortodoxia liberal, somente os mercados globais poderiam levar ao crescimento econômico e ao bem-estar social, devendo os governos nacionais apenas operar na busca da estabilidade monetária e fiscal;

- A partir de um conceito reducionista, desmoralizaram o Estado e sua lei. Reduziu-se o papel dos valores éticos e morais e foi restabelecida a permissibilidade favorável aos ganhos fáceis. Ao Estado cabia o papel de Estado Mínimo, com orçamento equilibrado, privatizando a Previdência, reduzindo a corrupção, liberalizando o comércio, desregulamentando o mercado de capitais e estimulando a captação de poupança externa;

- Um exército de ideólogos, formados nas academias americanas e altamente especializados, criou nos países em desenvolvimento um ambiente favorável à adoção das medidas de políticas econômicas. Esse grupo se constituiu em uma poderosa máquina de propaganda apoiada por poder e dinheiro, formando um verdadeiro complexo intelectual e financeiro em favor do livre-mercado;

- Porém, em 2007, as políticas liberais provocaram, novamente, nos EUA, uma megacrise no setor financeiro que, como no período liberal anterior, propagou-se de forma violenta para os países desenvolvidos e, na atualidade, propaga-se para os países em desenvolvimento da periferia do mundo capitalista, levando, de novo, ao abandono da política econômica liberal e necessitando das intervenções estatais em seu socorro;

- De forma similar ao período liberal anterior, essa política resultou no agravamento dos problemas estruturais do capitalismo, aumentando as incertezas, os pânicos econômicos e reduzindo o crescimento da economia mundial. Ocorreu, ainda, a elevação do nível de desemprego; aumentou a instabilidade monetária e financeira; cresceu a já acentuada concentração de renda e riqueza, mesmo nos países desenvolvidos; e o consequente aumento nas desigualdades sociais;

- E, assim, um período do capitalismo liberal resultou, novamente, em uma nova megacrise, de forma semelhante ao ocorrido na fase da *Belle Époque* do Liberalismo.

As semelhanças, a natureza e as deficiências do capitalismo liberal, nos anos iniciais do século XX, e do ultraradical neoliberalismo atual “demonstram a responsabilidade do liberalismo americano pelo estouro das duas maiores crises por que passou o sistema capitalista, a de 1929 e a que se inicia em 2008”. Duas megacrises, pois, a atual crise econômica global será mais prolongada e profunda do que é entendido pela mídia e difundido pelos economistas da ortodoxia.

O ajuste global será demorado e os resgates dos governos serão, a cada dia, cada vez mais, necessários para tentar estabilizar o capitalismo global. Na crise atual, a economia global não está em uma situação ainda pior graças às despesas trilionárias e aos pacotes emergenciais já aplicados pelos governos. Despesa pública - antes tão criticada quando dirigida às políticas sociais.

O resultado desse novo período liberal no comportamento econômico do capitalismo parece repetir uma daquelas chatas reprises da chamada “Sessão da Tarde”. Repete-se a mesma história da década de Trinta, do século passado: farra financeira, mercado soberano e livre de quaisquer amarras e não controle por parte do Estado, que acaba, e por causa dessa política, em uma derrocada global, com graves desdobramentos sociais. Para se sair da crise, apela-se novamente para as “salvadoras” políticas keynesianas, procurando arrumar a economia capitalista.

Essa nova crise abala novamente a ideologia liberal e perturba a crença americana baseada na ideologia do indivíduo “vencedor”, que domina o imaginário da cultura americana. Como é do conhecimento geral, o povo americano perseguir a riqueza, sem cerceamentos, sempre representou o valor mais importante. Hoje, está difícil para o americano comum admitir que essa ideologia de sucesso individual, glorificada, conduziu a uma crise mundial, com a quase falência de suas principais empresas zumbis. Derreteram-se os seus principais ícones; aumentou, em muito, o desemprego; e aumenta a cada dia o sofrimento social, a desolação, a tristeza e a dor.

Como em 1929, o anglo-saxão irá redescobrir que o capitalismo com liberdade ilimitada na busca do enriquecimento provoca crises, colapso econômico e financeiro e muito sofrimento. A recessão global afetará enormemente as exportações, os fluxos de capitais e o custo e o volume de créditos, acenando com um cenário que pode desaguar em uma recessão profunda e

prolongada, tanto para os países desenvolvidos quanto para os em desenvolvimento.

Porém, diferentemente da crise de 1929, a solução da crise atual só poderá ser resolvida por meio de uma solução decidida em nível global. Essa crise se dá em um mundo mais globalizado. E, nesse mundo mais globalizado, faz-se necessária uma solução global.

As soluções dos problemas atuais devem ser pensadas com uma visão de mundo operando dentro de regras e normas globais, criadoras de estruturas que admitam a existência de diferenças entre as nações, os países e os Estados. Essas

medidas devem procurar prevenir uma catástrofe econômica, principalmente nos países em desenvolvimento.

Nessa realidade, o processo de desenvolvimento mundial deve levar em conta as diferenças entre as nações e criar leis que permitam e incentivem o desenvolvimento dos países mais pobres e a geração de emprego e renda para a população trabalhadora mundial.

***Professor Adjunto da UFPI, Chefe do Departamento de Ciências Econômicas e Mestre pelo CAEN-UFC.**

TEORIAS POLÍTICAS E ECONÔMICAS PARA JUSTIFICAR OS INTERESSES DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

por Walber José da Silva*

A NECESSIDADE DE FORJAR TEORIAS

Sendo o meu propósito nesse ensaio opor os interesses políticos e econômicos dos países desenvolvidos *vis-à-vis* aos países subdesenvolvidos, é oportuno, antes de tudo, fazer duas perguntas basilares:

- 1ª) O que são os países subdesenvolvidos para os países desenvolvidos?
- 2ª) O que são os países desenvolvidos para os países subdesenvolvidos?

Sob os pontos de vista econômico e político, as respostas a estas questões são diferentes e, alguns pontos, diametralmente opostas. Os contrastes se acentuam quando as respostas forem dadas para justificar os interesses econômicos e políticos dos países subdesenvolvidos ou dos países desenvolvidos. As divergências são abrandadas na medida em que os países desenvolvidos impõem suas respostas aos subdesenvolvidos, usando não somente seu prestígio e sua mídia, como também toda espécie de pressão, para usar as palavras de Celso Melo¹.

As respostas dos países desenvolvidos às questões acima são entregues aos países subdesenvolvidos embaladas em papel de liberdade

(econômica, cultural, científica, política, religiosa, etc., etc.), pelas vias acima referidas, e digeridas com aptidão, fascinação, devoção e desprezo a si mesmo, pelos cidadãos do “terceiro mundo”, inclusive pela elite nacional (econômica, política, intelectual e religiosa), única a dela tirar algum proveito.

Celso Melo, referindo-se ao futuro da democracia e da possibilidade dos países subdesenvolvidos acederem às condições propiciatórias de uma democracia substancial, dá-nos uma visão do que representam os países subdesenvolvidos para os países desenvolvidos. Diz o autor:

É que os (países) subdesenvolvidos têm sido e são, naturalmente, meros peões no tabuleiro de xadrez da economia e, pois, da política internacional; logo, por definição, sacrificáveis para o cumprimento dos objetivos maiores dos que movem as peças.

E, naturalmente, quem move as pedras no tabuleiro do xadrez da economia e da política internacional são os países cêntricos e não os países periféricos. Todas as regras desse jogo são formuladas para garantir a hegemonia daqueles